

A Vida Lógica: entre a Fenomenologia e a Lógica de G. W. F. Hegel

The Logical Life:
Between Phenomenology and Logic of G. W. F. Hegel

Jaderson Silva
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)

Resumo

O objetivo do presente texto é analisar o tratamento que a ideia de vida recebe em duas grandes obras de G. W. F. Hegel, a Fenomenologia do Espírito (1807) e a Ciência da Lógica (1816), bem como discutir suas respectivas acepções, fenomenológico e lógico-ontológico. Desta forma, pretende-se demonstrar a coerência no sistema hegeliano referente a tal noção, como a ideia de vida se articula em diferentes contextos de aparecimento e em que sentido existe uma primazia da ideia lógica de vida em relação às demais acepções do termo, encaminhando uma compreensão da vida lógica como um dos conceitos cruciais para que o sistema de Hegel seja apreendido como um todo orgânico.

Palavras-chave: Vida. Lógica. Hegel. Organismo. Dialética.

Abstract

The purpose of this paper is to analyze Hegel's treatment of the idea of life in his two major works, The Phenomenology of Spirit (1807) and The Science of Logic (1816), and to discuss its related meanings in these works, namely in their phenomenological and logical-ontological senses. It is thus intended to show the coherence of the Hegelian system in regard to the notion of life, how this notion is articulated in the different contexts of its appearance, and in what sense there is a primacy of the logical idea of life regarding the other senses of the term, leading to an understanding of the logical life as one of the crucial concepts needed to grasp Hegel's system as an organic whole.

Keywords: Life. Logic. Hegel. Organism. Dialectics.

1 Introdução

A despeito das dificuldades na compreensão das obras maduras de G. W. F. Hegel, o filósofo é conhecido e reconhecido por se apropriar de palavras do senso comum atribuindo significados completamente diversos desta esfera. Mais especificamente, Hegel “usa as mesmas palavras em diferentes contextos para definir coisas diferentes” (BURMEISTER, 2013, p. 245).¹ Este é o caso com o termo “vida”, utilizado inúmeras vezes ao longo dos textos hegelianos, seja em sua fase madura ou em sua fase de juventude. Para o filósofo, “vida” constitui uma mesma ideia ou estrutura, mas a depender do contexto em que ela aparece, pode denotar um sentido meramente metafórico.² De um ponto de vista filosófico, a “vida” pode significar um conceito da esfera da natureza, do espírito e, como novidade hegeliana, da *lógica*.

Como pode a lógica abarcar uma determinação cujo termo denota algo tão concreto e empírico? Quais as delimitações de uma concepção de vida que Hegel articula numa obra de lógica? E qual o seu sentido? Essas e outras questões permeiam o nosso presente texto a respeito dos sentidos de “vida” encontrados nas obras maduras de Hegel, para o tratamento das quais tomamos por base os três volumes de sua *Enciclopédia*, sua *Fenomenologia* e *Ciência da Lógica*.³ Para isso, articulamo-nos estabelecendo a relação do sentido específico de “vida” encontrado na natureza e na lógica, bem como o papel da vida para a formação do Espírito. Ainda, apresentamos algumas controvérsias entre os comentadores da obra de Hegel a respeito do sentido preciso de vida lógica, posto

¹ Neste texto, todas as traduções são de nossa inteira responsabilidade.

² Mais adiante será desenvolvida a discussão em torno desse sentido.

³ Aqui não abordaremos o papel que a vida exerce na obra hegeliana de juventude.

ao final de sua grande Lógica. De modo geral, podemos dizer que um dos propósitos de Hegel ao introduzir a ideia lógica de vida é a ideia de totalidade e, mais especificamente, de um todo orgânico. Tal todo será a base para a ideia de Espírito. Desse modo, na conclusão do texto, estabelecemos uma estreita relação entre a vida e as meta-categorias constituintes da lógica e do lógico.⁴

1 A *Vida* na transição da Consciência do objeto à Consciência de Si

Com a *Verdade da Certeza de Si mesmo* chegamos à “terra pátria da verdade” (HEGEL, §167, 2014, p. 135). Nos três primeiros capítulos da *Fenomenologia*, Hegel articulava o que seria a experiência de uma consciência passiva frente aos fenômenos de um mundo sensível e externo. Nesse registro, todo saber era o saber de um Outro. A tentativa de compreender este “isto” visado pela consciência atravessava as figuras [*Gestalten*] do saber sensível, da percepção e do entendimento,⁵ figuras que exprimem sempre dois lados ou extremos de uma relação, um sujeito conhecedor e um objeto exterior a ser conhecido. Até aqui, a consciência fazia o movimento de observar o objeto e nele se perder, desviando-se do caminho necessário a uma fenomenologia que aspira apreender ao saber absoluto.

Posto que a obra hegeliana de 1807 pretende-se a exposição progressiva de uma consciência sensível que percorre uma série de fracassos e novas concepções de si e do mundo, a negatividade presente nas figuras apresentadas no interior da consciência impulsiona-a à superação de suas limitações, de modo que a verdade

⁴ Essa diferenciação será explicitada no que se segue.

⁵ Seus objetos são, respectivamente, o *essente* [*Seiende*], a coisa concreta e a força.

perseguida agora incorpora o sujeito e não mais o objeto somente. Assim, a verdade e a certeza de si coincidem, isto é, a *particularidade* do sujeito é transformada em *universalidade*. A consciência que anteriormente buscava a verdade no objeto exterior a ela, doravante retorna a si e descobre tal verdade não mais como algo alheio. Em outras palavras, a verdade aparece nem como perdida no mundo externo nem como presa no interior do sujeito, mas ela dá-se justamente nesse ir ao objeto e retornar a si; na consciência de si através do seu Outro. Esse processo é a verdade da consciência como consciência de si, ou seja, a verdade enquanto *Vida*.⁶

“A consciência tem de agora em diante, como consciência de si, um duplo objeto: um, o imediato, o objeto da certeza sensível e da percepção, o qual porém é marcado para ela como sinal do negativo; o segundo objeto é justamente ela mesma, que é a essência verdadeira e que de início só está presente na oposição ao primeiro objeto.

[...] O objeto que para a consciência de si é o negativo, retornou sobre si mesmo, do seu lado; como do outro lado, a consciência também [fez o mesmo]. Mediante essa reflexão sobre si, o objeto veio a ser *vida*.” (HEGEL, §§167-168, 2014, p. 136-137).

Ocorre uma mudança drástica na relação entre sujeito e objeto. A passividade na observação do objeto exercida pela consciência é posta de lado e a atividade [*Tätigkeit*] passa a representar a melhor descrição da interação entre sujeito e objeto, na medida em que este

⁶ Na sua *Filosofia do Espírito*, Hegel afirma: “na consideração dele [o ser vivo], acende-se a consciência de si; pois no ser vivo o objeto se transmuda no subjetivo. Aí a consciência se descobre si mesma se torna para si mesma objetiva” (§418Z, 2011, p. 189).

último é incorporado como momento constitutivo da consciência. Isso significa a reposição ou a unidade com o Si, até então diluído no mundo externo. Este Si da consciência é a unidade originária entre sujeito e objeto, a qual é o fundamento da experiência mesma, mas que na ordem dos fatos vem ao conhecimento da consciência unicamente com o saber de si enquanto consciência *viva e desejante*.⁷ O plano da vida é a base da consciência de si, é o *locus* de aparecimento do Si da consciência. Hegel procura marcar que não há conhecimento efetivo sem vida. Em seu idealismo absoluto, a vida pode ser compreendida como a “produção inconsciente da inteligência” (HYPPOLITE, 1999, p. 46).⁸ Ou seja, vida e consciência de si não são uma e a mesma coisa, porém, ambas se distinguem ao compreendermos que a primeira expressa apenas a unidade entre subjetividade e objetividade em sua pureza, “de tal forma que não é, ao mesmo tempo, *para si mesma*” (HEGEL, §168, 2014, p. 137). Enquanto a vida (como *gênero*) é universalidade *em si*, a consciência de si é universalidade *para si*.

Nesse caminho, é interessante observarmos que o desejo é justamente o ponto de contato entre a vida e a consciência de si. De acordo com o *processo vital*, o impulso [*Trieb*] que direciona o sujeito à objetividade externa é o carecimento [*Bedürfnis*]. O sentimento de falta

⁷ O Desejo [*Begierde*] pode ser compreendido semelhante à concepção de Santo Agostinho, a saber, como aquele dispositivo interno ao qual a consciência deve assentir ou não. No caso hegeliano, o surgimento do desejo é concomitante com o total consentimento do mesmo por parte da consciência. Desse modo, é tarefa da consciência de si – consciente de si mesma e de seu mundo – racionalizar tal sentimento até aí marcado com o sinal do *mau infinito*. Esse passo dá-se por meio da supressão da Dialética do Desejo à Dialética do Reconhecimento.

⁸ Nas palavras de Hegel em sua *Filosofia da Natureza*: “A ideia de vida é, nela, este algo criativo *incôscio* – uma expansão da natureza que no vivente voltou a sua verdade” (HEGEL, 1997, §357Z, p. 283-384).

ou de carecimento provoca na subjetividade o anseio por apreender, apropriar ou *assimilar* esta objetividade diante de si.⁹ Essa interação com o mundo é própria do organismo vivo e assimilador, de tal modo que o faz “pôr o exterior como subjetivo, antes de tudo fazer-se-lo ele próprio, identificá-lo consigo” (HEGEL, 1997, §357Z, p. 384). Nesse sentido, o desejo é definido como esse constante apreender o mundo para si, na medida em que isso gera uma identidade entre a subjetividade e a objetividade, “transformando a certeza em verdade” (NG, 2020, p. 270). Para citar um exemplo, podemos pensar em um ser vivo que almeja aliviar sua fome (carecimento) ao colher o fruto de uma árvore. A ideia central é de que, conforme o *indivíduo vivo* tem o desejo ou um fim subjetivo que é o de se alimentar, ao colher o fruto e satisfazer seu carecimento, este indivíduo tem objetivamente realizado essa sua finalidade subjetiva, confirmando a identidade de seus propósitos particulares com a objetividade do mundo, o lugar encontrado para a satisfação de seus carecimentos. O que ocorre aqui, portanto, pode ser descrito como um espelhamento entre subjetividade e objetividade. Segundo Karen Ng, essa dinâmica é a passagem da particularidade à universalidade, pois não somente o indivíduo reproduz a si mesmo no processo vital, mas concomitantemente reproduz a sua espécie universal. Ele [o *indivíduo vivo* no *processo vital*] é a “*exemplificação* da vida universal da espécie e parte de um processo mais amplo da espécie como um todo” (NG, 2020, p. 271). Para Hegel, essa forma do desejo é o aspecto a ser conservado na figura da consciência de si

⁹ Segundo Taylor, “a busca pela integridade é evidente até mesmo nas formas inferiores de vida, pelo fato de escolherem o que precisam do mundo externo e devorá-lo, isto é, incorporá-lo em si mesmos” (2014, p. 178-179)

reconhecida.

Para não incorrerem em um subjetivismo, ressaltamos que o sujeito conhecedor expressa determinados desejos precisamente por se caracterizar como um ser no mundo, isto é, o mundo ser o seu contexto de aparecimento, ao passo que estes desejos subjetivos se externalizam e se apropriam desse mundo objetivo, configurando suas tonalidades nele. O objetivo geral de Hegel agora é descrever essa dialética do desejo e sua suprassunção pela dialética do reconhecimento.¹⁰

De modo a não desviarmos de nossos presentes propósitos, podemos indagar: por que a ideia de vida dentro dessas passagens da fenomenologia hegeliana merece destaque frente ao seu sistema como um todo? Qual sentido de “vida” está aqui em jogo? Inicialmente, podemos compreender a vida com a função da dialética hegeliana. Ao considerarmos a abordagem do sistema hegeliano de modo geral, tomamos como imprescindíveis a revisão das quatro determinações-fundamentais inscritas em sua pequena lógica:¹¹ (i) o Entendimento, (ii) a Razão Negativa ou Dialética, (iii) a Razão Positiva ou Especulativa e aquela que coloca em movimento estes três lados, a saber, (iv) a Suspensão ou Suprassunção [*Aufhebung*].¹² Cada uma destas determinações não é “uma simples *Bestimmung*, mas [...] uma

¹⁰ O curto espaço não nos permite muita atenção à passagem de uma dialética à outra. Contudo, vale ressaltar que tais dialéticas surgem na fenomenologia hegeliana unicamente como consequências da ideia de vida, a qual incute dinamismo nos conceitos e elementos hegelianos, bem como esboça a relação desses conceitos entre si e o todo do sistema.

¹¹ Essa divisão segue-se de “*Conceito mais preciso e divisão do lógico* (§§79-83)”. Em: HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas I: a ciência da lógica**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

¹² No sentido de que “o que é suprassumido nega o que lhe antecede, conservando-o de um ponto de vista mais elevado” (PERTILLE, 2011, p. 63)

Grundbestimmung" (PERTILLE, 2011, p. 61-62). Interessamos aqui os três primeiros conceitos ou momentos da Lógica [*die Logik*] e do Lógico [*das Logische*]. Estes são conceitos operativos, isto é, não são apenas momentos da lógica, mas momentos que pertencem a todo o sistema, no sentido em que todos os textos de Hegel estariam nessa mesma forma de *meta-categoria*. Nas palavras do filósofo "são momentos de todo [e qualquer] lógico-real" (HEGEL, 2012, §79, p. 159), sendo o primeiro momento aquele de reflexão, o qual separa aspectos como se fossem determinidades fixas ou estáticas. Para isso, pensemos, por exemplo, na história da filosofia: entendimento e sensibilidade, *a priori* e *a posteriori*, ser e pensar, e assim por diante. Em nossa análise presente, podemos identificar essa meta-categoria como representada pelo momento pré-vida no início da *Fenomenologia do Espírito*.

Já no segundo momento do lógico, relativizamos as divisões feitas anteriormente, demonstrando que o que *não é* pode *vir a ser*, bem como o que *é* pode *deixar de ser*, de modo a evitarmos a não-processualidade dos conceitos. Assim, como o Entendimento tem por patologia o *dogmatismo* quanto à fixação de determinações de modo que não consegue mais se justificar, este segundo momento, o *Dialético* ou da *Contradição*, tem por patologia o *ceticismo* que, segundo Hegel, fica constantemente procurando critérios e nunca se satisfazendo. Traduzindo para a nossa análise, aqui teríamos a vida propriamente, essa pura dinâmica que engloba elementos contrários em seu interior e na qual se torna possível o sujeito "penetrar a substância e a constituição do objeto com sua própria forma" (NG, 2020, p. 270). Por um lado, a motricidade [*Beweglichkeit*] ou o

“puro movimento mesmo” (HEGEL, §171, 2009, p. 138) a partir do interior dos conceitos e do Eu vem à luz com a ideia de vida. Contudo, para além disso, essa motricidade garante que esses conceitos e o Eu hegeliano sejam não somente dinâmicos, mas “também temporais e históricos” (DUPLANCIC, 2006, p. 2). Sendo assim, “vida” prefigura a concepção hegeliana de Espírito e é crucial para o seu desenvolvimento.

Contudo, o terceiro momento é aquele crucial da filosofia de Hegel, pois, seguindo o raciocínio hegeliano, após termos fixado as determinações e, em seguida, as termos relativizado, este terceiro momento serve para instituir um *discurso em movimento*. A razão especulativa é aquela contendo a “unidade de determinações diferentes” (HEGEL, 2012, §82, p. 167), que estabelece a unidade das dicotomias supracitadas, ao mesmo tempo em que reconhece as suas diferenças. Assim, a instalação de um discurso especulativo é o que justamente caracteriza o sistema de Hegel como um sistema em movimento. Porém, para tal empreendimento as três meta-categorias devem agir em conjunto, pois, do contrário, “não são consideradas em sua verdade” (HEGEL, 2012, §79, p. 159). Com isso, teríamos presente a consciência de si como a universalidade para si ou a *vida consciente de si* na *Fenomenologia*. Essa nova figura *negaria* os déficits trazidos pela pura vida (o mau infinito e sua incessante necessidade de aniquilar o Outro),¹³ *conservaria* a sua forma da processualidade, mas a *elevaria* à processualidade consciente e histórica.¹⁴

¹³ Como expresso nas palavras do próprio Hegel: “o desejo é em geral destrutor em sua satisfação, assim como é egoísta segundo seu conteúdo, e já que a satisfação só ocorreu no singular – mas esse é passageiro – o desejo se gera de novo na satisfação” (2011, §428, p. 199).

¹⁴ Conforme Hyppolite (1999), “[...] a consciência de si é, portanto, a verdade da vida;

Vale ressaltarmos que, seja em qual dimensão estiver abordando o tema, a *vida* em todos os seus aparecimentos nas obras hegelianas traz consigo a ideia de organismo.¹⁵ Mais precisamente, a ideia de uma relação entre o todo e os seus membros, compondo uma espécie de corpo vivo em que cada membro é mutuamente dependente um do outro e do todo. Com essa concepção, Hegel pretendeu distinguir seu sistema filosófico de doutrinas mecanicistas, em que o todo é mais bem compreendido como um amontoado de partes indiferentes entre si. A opção hegeliana incute unidade e fluidez em seu sistema, tornando-o um sistema filosófico apropriado à dinâmica da realidade mesma. Nas palavras de Hegel, “esse circuito todo constitui a vida [...], o todo que se desenvolve, que dissolve seu desenvolvimento e que se conserva simples nesse movimento” (HEGEL, 2014, p. 139).

Entretanto, qual o sentido de “vida” seria mais apropriado à obra de 1807 considerada uma introdução ao sistema? Embora nos trechos abordados até o momento nós conseguimos perceber a formação de uma vida humana e espiritual, o sentido de “vida” mais adequado parece ser o de vida natural ou orgânica, na medida em que esta tem “uma determinidade de sua exterioridade” (HEGEL, III, 2018, p. 247), isto é, a objetividade na qual a subjetividade se apropria é tal que já tem certa determinação antes delas realizarem uma identidade. Desse modo, a exterioridade já era pré-formada e serviu de pressuposto para o desenvolvimento

com ela, porém, começa uma outra vida, uma experiência que se enriquecerá até compreender, nela, todo o desenvolvimento que vimos na vida” (p. 168).

¹⁵ Ainda na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel aborda o tema do organismo mais adiante, em “A razão Observadora”. Como nosso espaço é curto, deixamos de lado a exposição de Hegel no presente texto.

dessa subjetividade imanente. Em termos da filosofia da natureza, o organismo se desenvolve a partir de e assimilando ou dando vida ao inorgânico.¹⁶

Em outra direção é o sentido lógico de “vida”, o qual “é livre daquela objetividade pressuposta e condicionante” (HEGEL, III, 2018, p. 247). Ou seja, se na fenomenologia hegeliana estamos diante do registro *psicológico* do caminho de uma consciência até o saber absoluto, a partir de agora Hegel apresenta-nos o sentido originário de “vida”, como aquele organicismo em um registro *lógico* que “unicamente pressupõe o conceito, isto é, a si mesmo” (ASSALONE, 2018, p. 141). Essa vida lógica não recebe sua objetividade de alguma fonte externa, mas é capaz de gerá-la a partir de si mesma. Segundo a literatura específica do tema, podemos dizer que essa vida lógica hegeliana é “mais propriamente vida do que a vida natural” (BURMEISTER, 2013, p. 261). E precisamente esse sentido originário será o nosso objeto de análise na seção seguinte.

2 A Ideia Lógica de Vida ou o *logos* vivo no sistema filosófico hegeliano

Inicialmente, tratar da vida em uma obra de lógica pode suscitar diversas críticas, mesmo quando tal lógica se distingue da tradicional lógica formal. Hegel reconhecia esse desafio, pois logo no início de sua seção sobre a vida ele declara que esta “concerne a um objeto tão concreto [...] e tão *real*”,¹⁷ que, como o estudo de lógica é habitualmente concebido já em seu tempo, “pode parecer

¹⁶ Como na Fenomenologia do Espírito Subjetivo, “a *consciência de si* imediata, portanto, *natural*, singular e exclusiva...” (HEGEL, §426Z, 2011, grifo nosso, p. 198). Ou seja, aí Hegel procura evidenciar a relação entre consciência de si e vida natural.

¹⁷ Quer dizer, o termo “vida” reaparece recorrentemente na filosofia real, embora com outras acepções.

que seja ultrapassado o âmbito da lógica” (HEGEL, 2018, p. 245). Isso suscitaria a suspeita de que essa categoria estaria contaminando a lógica com o dado empírico, isto é, como se Hegel estivesse simplesmente fazendo um uso indevido de uma categoria da *Filosofia da Natureza* no interior da sua lógica.

Consoante com essa suspeita, Höhle (2007) questiona a plausibilidade de categorias como vida, mecanismo, quimismo e teleologia dentro da lógica hegeliana. A consideração destas categorias consistiria em uma duplicação, uma vez que as mesmas ocorreriam tanto na lógica quanto na filosofia real. Em especial, na *Filosofia da Natureza*. Nessa linha de raciocínio, a importância da vida lógica para a formação do Espírito se esvaziaria, dado que a noção de organismo reaparece na natureza e é também um pressuposto da concepção hegeliana de Espírito. Assim, teríamos uma “versão abreviada” (HÖHLE, 2007, p. 279) da vida orgânica já na lógica de 1816, uma vez que a mesma estrutura argumentativa aparece em ambas, embora o desenvolvimento da dinâmica do organismo vivo seja mais detalhado na vida orgânica. Então, para Höhle, devido à insuficiência de justificação por si mesma, a vida como categoria lógica poderia ser compreendida meramente como tendo um uso metafórico.¹⁸ Incluir a vida e outras categorias que reaparecem na filosofia real ao final de uma ciência da lógica seria apenas um modo de anunciar a transitoriedade da ordem dos conceitos à ordem das coisas.

Frente a essas e outras críticas, assumimos a

¹⁸ Segundo esse autor: “julgar que o universo das ideias tem vida em si seria *pura metáfora*, porém, provavelmente, esse modo *metafórico* de pensar *subjaz* à decisão *hegeliana de acolher a vida na lógica*” (grifo nosso, 2007, p. 278).

posição que afirma a vida como categoria lógica sem uso metafórico (BURMEISTER, 2013). A vida como ideia imediata seria aquela capaz de abarcar “uma totalidade cindida em si mesma, tanto organicamente quanto conceitualmente” (SILVA, 2018, p. 158). Enquanto na *Fenomenologia do Espírito* a vida aparece como o momento necessário para a unificação da subjetividade e da objetividade, na *Ciência da Lógica* a vida lógica unifica não somente este par, mas também unifica ser e pensar, alma e corpo, conceito e realidade. A vida lógica, na medida em que é uma categoria do pensamento pensando a si mesmo, é mais ampla do que as determinações fenomenológicas/epistemológicas da obra de introdução ao sistema hegeliano. Para Hegel, essa acepção de vida carrega a estrutura fundadora dos demais sentidos de vida encontrados em suas obras sobre o real e na história da filosofia em geral. Dito de outro modo, na lógica, a vida é meio e fim de si mesma, destituída de condicionante externo, assim reaparecendo o *ser* do início da *Ciência da Lógica* agora como *ser-vivo*, o qual portaria a mobilidade própria do tempo e da realidade mesma.

Por certo, a acusação de uso metafórico com os termos “vida”, “morte” e afins, podem ser atribuídas corretamente à lógica de Hegel. No entanto, esse uso específico se encontra unicamente na introdução de sua obra em 1812, quando, por exemplo, Hegel fala do saber puro como uma “unidade não abstrata, mas concreta e *viva*”, privilegiando a unidade que reconhece as diferenças em detrimento daquela diferenciação inicial, abstrata, “*morta* e imóvel” (HEGEL, 2016, grifo nosso, p. 63) do pensamento reflexivo. Ou, ainda, ao falar da relação entre método e conteúdo, da qual a identidade opera como o

Espírito que *vivifica* o “esqueleto *morto* da lógica” (HEGEL, 2016, grifo nosso, p. 56). Contudo, nos registros seguintes no desenvolvimento da obra propriamente e, em especial, na seção sobre a vida contida na *Doutrina do Conceito*, Hegel faz uso do termo “vida” em um sentido exclusivamente lógico, definindo o termo como uma categoria lógica do pensamento.

A ideia de vida lógica na filosofia hegeliana aparece, portanto, como uma solução às duas correntes contrárias até o tempo de Hegel. Segundo as determinações do Entendimento, a vida pode ser considerada como “um *mistério*, e de modo geral como *inconcebível*” (HEGEL, §216Z, 2012, p. 354). Desse modo, através do conceito de vida temos a denúncia das limitações do entendimento em sua tentativa de explicar a realidade de modo integral. Hegel procura resolver um problema de uma falsa dicotomia: de um lado, existe a corrente filosófica do mecanicismo que define a vida como a projeção de uma subjetividade em um amontoado de partes ou de matéria morta, caracterizando-se assim por necessitar de uma determinação exterior. Por outro lado, tem-se o vitalismo concebendo a vida como um evento místico em que um além misterioso anima a objetividade semelhante a um milagre. Enquanto para o Entendimento a unidade dos opostos não passaria de uma contradição improdutiva, a Razão dialético-especulativa compreende a vida como a portadora de autodeterminação e capaz de realizar a unidade do conceito e da realidade de modo imediato ou *em si*.

Para Hegel, a vida não é puramente alma ou puramente corpo, mas consiste na *unidade negativa*

propriamente.¹⁹ Nesse sentido, Hegel marca a sua crítica à modernidade transformando as determinações estáticas e exteriores entre si em fluidez e movimento vivo. Ao alterar as determinações interligando-as em uma unidade orgânica, o filósofo alemão designa precisamente os conceitos com o sinal do *logos* vivo. Essa vida lógica não é só uma determinação do pensamento puro, mas é também a determinação básica e fundamental para a compreensão da *infinitude*, isto é, a forma básica ou elementar do Espírito. A literatura tende a colocá-la assim, pois, como característico desse tipo de idealismo, a vida lógica pode ser compreendida como o *locus* primeiro para a unidade entre subjetividade e objetividade, unicidade e multiplicidade, presentes no sistema filosófico hegeliano inteiro.

Na vida lógica, não se trata da vida presente na natureza, mas da vida como Ideia Imediata ou como conceito que obteve a unidade da subjetividade com a objetividade. Não obstante, a unidade imediata da Ideia é o modo primeiro de abordagem do verdadeiro, pois a vida é em si mesma o processo de constituição a partir de si, sem o uso de meios exteriores, e que vem a ser a realidade objetiva da finalidade interna. A vida não é apenas um objeto contraposto ao sujeito, mas resulta do desenvolvimento da subjetividade do conceito que engendrou a objetividade em direção à unidade de um todo somente existente na unidade destas diferenças; é a forma *a priori* penetrando e efetuando a unidade do múltiplo de acordo com a forma do conceito.

¹⁹ Na pequena lógica Hegel declara que, “quando a alma escapa do corpo, as potências elementares da objetividade entram em jogo. Essas potências estão, por assim dizer, permanentemente armando o bote para dar início ao seu processo no corpo orgânico; e a vida é o combate *constante contra isso*” (§219Z, 2012, grifo nosso, p. 356).

Para adentrar ao detalhe do texto, compreendemos a imediatez da ideia não como certeza sensível, mas como o que a ideia vem a ser em primeiro lugar. Esses são os três momentos da Ideia: Ideia Imediata ou Vida, Ideia Mediada ou Cognição e, enfim, Ideia Absoluta. Muito embora Hegel considere a vida uma unidade completa dos contrários ou um constante movimento da produção de si, ele reconhece nela uma limitação intrínseca, pois a vida está fadada à repetição. O espaço da liberdade e da criação é reservado ao Espírito, que embora ligado à vida, é ao mesmo tempo a sua negação. Por esse ângulo, temos que observar que a vida lógica é apenas o primeiro momento da Ideia, que, paulatinamente, se desenvolve em Ideia do Conhecer e, em seu acabamento, em Ideia Absoluta. No âmbito da lógica, a vida é uma estrutura fundamental, mas que permanece limitada ao âmbito da imediação. Esse elemento imediato é o ser simples ainda sem relação ao Outro. Como finalidade interna, a vida não tem o momento da reflexividade inicialmente, porque não está em relação com Outro, o que começará a surgir pela diferença posta no *gênero* e terá o seu desenvolvimento na Ideia do Conhecer, passo semelhante ao que acontece com a vida como exposta na *Fenomenologia do Espírito* e na *Filosofia do Espírito*. Como temos visto até aqui, Hegel inclui a vida na lógica para dar concretude a uma área da filosofia antes compreendida como “simples norma vazia de pensamento” (FRANCO, 2010, p. 37).²⁰

A seção intitulada “Vida”, dentro da *Ciência da Lógica*, constitui a exposição do juízo originário da vida ou da atividade teleológica através da qual a subjetividade

²⁰ Karen Ng afirma que, “como a pressuposição necessária da cognição, o que a vida contribui é uma determinidade [*Bestimmtheit*] sem a qual a lógica seria inteiramente vazia [*leer*]” (2020, p. 256).

constitui a si em oposição e relação à objetividade. Como na *Fenomenologia* de 1807, o desenvolvimento da vida apresenta a atividade unificada por três processos, os quais são as fontes de uma “unidade do múltiplo imediata, *inconsciente* e sintética”. Esta unidade do conceito e da objetividade que, “de uma só vez, possibilita e delimita a atividade da cognição consciente de si” (NG, 2020, grifo nosso, p. 261). Portanto, por um lado, se a forma *a priori* do desenvolvimento da cognição pode ser encontrada no desdobramento da vida lógica, por outro lado, a Ideia do Conhecer consiste exatamente na efetivação da vida consciente de si. Os três processos determinados pela vida lógica são, respectivamente, o *indivíduo vivo* [*das lebendige Individuum*] que se desenvolve na objetividade por meio de uma corporeidade específica, o *processo vital* [*der Lebensprozeß*] ou o ambiente externo em que os fins subjetivos são realizados objetivamente e, por fim, o *gênero* [*die Gattung*] fornecedor de um contexto mais amplo no qual a objetividade e a externalidade alcançam uma determinação mais consistente.

O *indivíduo vivo*. Aqui temos a alma tal e qual o conceito “como o princípio que inicia e que move a si mesmo” (HEGEL, 2018, p. 250). Ora, se a Ideia significa a unidade entre Conceito e Realidade, nesse primeiro momento da Ideia Absoluta, a unidade imediata seria aquela entre a alma como conceito e a realidade/objetividade. No entanto, essa identidade precisa seguir os critérios das determinações lógicas onde cada conceito é uma mediação de outro seguinte. Sendo assim, o meio-termo dessa unidade entre alma e realidade é precisamente a corporeidade da alma. O corpo é o que permite que a alma penetre a objetividade com a forma

do conceito.²¹ A este respeito, o ser vivo – princípio de automovimento ou forma *a priori* da atividade [*Tätigkeit*] – se expressa em termos dos três momentos do conceito: universalidade, particularidade e singularidade. Sua tradução para o *logos* vivo ou a vida do pensar fica, respectivamente, como sensibilidade, irritabilidade e reprodução. Essas três capacidades são tributárias da corporeidade do indivíduo vivo e compõem a totalidade unificada e articuladora do sentido interno ou sentimento de si do ser em questão, assim como preparam este para o segundo processo da vida, produtor do sentido externo.

O *processo vital*. É interessante observarmos que aquilo que determina a objetivação da subjetividade e a subjetivação da objetividade é o carecimento [*Bedürfnis*].²² Esse constante sentimento de falta é um privilégio dos seres vivos que os impulsionam a testar seus fins subjetivos em um mundo objetivo. Basicamente, o desdobramento desse processo ocorre através da assimilação da exterioridade posta, com o fim de suprassumir a dor ou o sentimento de carecimento encontrado no interior de si. Com esse processo, o ser vivo e autônomo se distingue dos seres relativos determinados apenas pelo meio exterior. Ao reproduzir a si autonomamente, o indivíduo coloca a si ou sua particularidade como universal, isto é, penetra a

²¹ Karen Ng expõe uma importante reflexão acerca dessa passagem: “as coisas podem apenas ser determinadas como objetivas *da* perspectiva de um sujeito autodeterminante; sem essa perspectiva, a objetividade não tem significância. Embora a objetividade seja frequentemente entendida como a *ausência* de perspectivas ou contribuições subjetivas, Hegel está argumentando que a própria noção de objetividade enquanto tal apenas tem sentido como posta por um sujeito” (2020, p. 263)

²² Com o processo vital encontramos uma das marcas da finalidade interna, na medida em que o carecimento desse ser vivo lógico nunca é plena e eternamente satisfeito e, a cada satisfação, um novo carecimento é gerado. Tal processo é assim, pois a cada aniquilação do objeto, o sujeito vivo se mantém e não se esvai junto com ele.

objetividade com a vida substancial.

O *gênero*. É exatamente nesse processo que existe a pressuposição necessária para que a ideia de cognição não contenha formas vazias. Aí, o indivíduo concebe as suas ações singulares como expressando a universalidade pressuposta, pois ele é membro do gênero como um órgão é membro de um corpo vivo. A característica mais marcante nesse processo é a de que o ser-para-si e o ser-para-outro são um e o mesmo. Ou seja, enquanto no processo vital a objetividade externa é apenas adaptada ao sujeito, agora no gênero essa objetividade é também *idêntica* a ele, de modo que o indivíduo vivo vê não só seus fins subjetivos realizados no mundo objetivo como uma coincidência, mas descobre a identidade de ambos que possibilita a concepção de um contexto mais amplo e universal de sua própria forma de vida, visualizando a necessidade lógica em detrimento das concepções contingenciais.²³

Portanto, a vida lógica opera como a prefiguração da ideia do Conhecer ou do Espírito lógico, dado que essa vida é o gênero em si e a ideia da cognição é o gênero para si, o que é o mesmo que dizer que uma é a ideia imersa na imediatidade e a outra é a ideia que relaciona a si com a consciência da determinação da Ideia. Dessa maneira, compreendemos essa relação segundo a *identidade e diferença lógica*: por um lado, ambas ideias partilham de uma mesma estrutura ou forma lógica; por

²³ De acordo com Karen Ng, “na medida em que a objetividade pressuposta do sujeito vivo é agora idêntica com o sujeito em si mesmo, ao invés do que simplesmente adaptada [*conformable*] a ele, o contexto mais amplo do processo do gênero permite o sujeito atingir uma verdade universal e mais ampla da certeza de si do que era disponível em sua relação com uma externalidade meramente adaptada. Através do contexto mais amplo de uma forma de vida, o indivíduo encontra confirmação de seu próprio sentimento de si em relação a uma realidade objetiva que é idêntica a si mesmo” (2020, p. 272).

outro lado, apenas a segunda ideia tem “reflexividade autoconsciente em relação a sua própria forma de vida” (NG, 2020, p. 277). A ideia lógica de vida é constitutiva e fundamental para a ideia de cognição subsequente. Por fim, é digno de nota o reconhecimento de que o desdobramento dessa vida faz uso da terminologia da *Realphilosophie*, mas esta é apenas a expressão da primeira. Ou seja, a vida natural e a vida do Espírito são tributárias da vida lógica.

3 Conclusão

Podemos afirmar que a vida está aquém da Ideia do Conhecer ou mesmo da consciência de si? Certamente, não. Ela é retomada enquanto vida do Espírito e vida natural. Ainda, a própria concepção de Estado para Hegel depende da ideia de organismo tributária da ideia lógica de vida. Essa acepção de vida parece-nos se difundir por diversos âmbitos da filosofia hegeliana, seja sua forma unitária frente à multiplicidade, seu desdobramento como base para o desenvolvimento da cognição ou sua concepção de organismo vivo fornecendo uma dinâmica entre os membros e o todo. Com isso, Hegel resgata a força da negatividade capaz de mobilizar e vivificar os conceitos abstratos e estanques que a modernidade utilizava.

De modo a forçar o conceito, conseguiríamos estabelecer alguma relação entre a vida e as meta-categorias? O que queremos dizer é que a dinamicidade dos conceitos hegelianos é permeada pela ideia de vida, capaz de incutir movimento e organicidade no sistema como um todo. Nesse sentido, a *Aufhebung*, o Entendimento, a Razão Negativa e a Razão Positiva são meta-categorias dinâmicas na medida em que o idealismo

hegeliano é tal que incorpora em todo o seu sistema filosófico a ideia de um organismo vivo.

A relação da vida com as meta-categorias pode ser forçada pela ideia da vida lógica como a dialética própria da realidade: ela dinamiza as oposições de conceitos estáticos ou “mortos”, conceitos estes que o pensamento reflexivo (o Entendimento) se limita. Seguindo essa linha, a ideia lógica de vida apresenta a relação de dependência mútua de pares de opostos, os quais devem expressar o movimento próprio do concreto, isto é, da realidade viva. Podemos pensar na relação sujeito e objeto, forma e matéria, pensamento e ser, assim por diante, como conceitos expressando sua identidade enquanto opostos entre si, tal qual a Razão Negativa. Contudo, o passo seguinte fica a par da Razão Positiva ou da Especulação, a única capaz de mostrar a unidade da identidade e da diferença, isto é, aquela responsável por apresentar simultaneamente a relação e a oposição dos pares de opostos. Desse modo, a Razão Positiva instaura um discurso em movimento que supera as limitações das duas meta-categorias anteriores. Com isso, chegamos a um novo patamar de cognição e quem melhor encarna essa Razão do que senão o Espírito? À vista disso...

“A vida só pode, portanto, ser apreendida especulativamente, pois na vida exatamente existe o especulativo. O agir continuado da vida é assim o idealismo absoluto; ele torna-se um outro, o qual porém é sempre suprassumido. Se a vida fosse realista, teria respeito diante do extremo; mas ela obstrui sempre a realidade do outro e transforma-a em si mesma” (HEGEL, §337Z, 1997, p. 353).

Referências

- ASSALONE, E. "El Estado como organismo en la filosofía del derecho de Hegel". *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, ano. 15, nº 26, 2018.
- BURMEISTER, J. K. "Hegel's living logic". *Research in Phenomenology* 43, 2013, págs. 243-264.
- DUPLANCIC, V. "Leben und Freiheit in der Phänomenologie des Geistes". *Hegel-Jahrbuch*, 2006.
- FRANCO, R. "O trânsito vida-conhecer na Ciência da Lógica de Hegel". In: SILVA, A. S. [et al.]. *Dialética e Metafísica: o legado do espírito*. Universidade Católica de Pernambuco, 2010, p. 35-45.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da lógica I: a doutrina do ser*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica III: a doutrina do conceito*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas I: a ciência da lógica*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas II: a filosofia da natureza*. São Paulo: Edições Loyola, 1997
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas III: a filosofia do Espírito*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- HÖSLE, V. *O sistema de Hegel*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- HYPOLITE, J. *Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- NG, K. *Hegel's concept of life: self-consciousness, freedom, logic*. New York, NY; Oxford University Press, 2020.
- PERTILLE, J. P. "Aufhebung, meta-categoria da lógica hegeliana". *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*. Ano 8,

nº15, Dezembro - 2011: 58-66.

SILVA, M. Z. A. *Vida e finalismo na ciência da lógica*. Campinas, SP: Editora Phi, 2018.

TAYLOR, C. *Hegel: sistema, método e estrutura*. Tradução de Nélío Schneider. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

.

Jaderson Silva

Bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: jadersonsds@gmail.com

Submetido: 31/07/2020

Aprovado: 14/10/2020